

COLEÇÃO OUTRAS – PALAVRAS  
VOLUME 3

# Conciliação, regressão e cidade

TALES AB'SÁBER

# Conciliação, regressão e cidade

TALES AB'SÁBER

## MUITAS “TURAS”

Em visita recente à Escola da Cidade, o arquiteto Paulo Mendes da Rocha lembrou aos presentes que a arquitetura é um saber solicitante. Seu discurso evocava fortemente uma fórmula feliz, encontrada há certo tempo por Bernard Tschumi para exprimir semelhante ideia por meio de um jogo de palavras. “A arquitetura”, dissera Tschumi, “não a vejo como conhecimento da forma, mas sim como forma de conhecimento”<sup>1</sup>. Uma forma de conhecimento do mundo que, por sua natureza, exige o recurso permanente a saberes e domínios que ingenuamente podemos tratar como “extra-arquitetônicos”, mas que, na verdade, não o são. O saber solicitante a que se refere Paulo Mendes é esse espinhoso terreno em que se concentram as mais delicadas sínteses. São sínteses tênues, mas inevitáveis para o exercício de uma profissão cujo escopo é o manejo do cotidiano em si, em suas formas mais complexas, isto é, coletivas e imaginárias.

Essa ideia, por mais contemporânea que seja, representa a afirmação pura e simples de alguns fundamentos filosóficos e epistemológicos, mais do que antigos, ancestrais. Vitruvius já tratava dessas solicitações

---

1. Tschumi, Bernard (2008). “L’architecture n’est pas une connaissance de la forme mais une forme de connaissance”, in: Lengereau, Éric (org). *Architecture et construction des savoirs*. Paris: Recherches, 2008, p. 212.

ao lembrar seus leitores – com o dedo vertical da norma culta – que a “ciência do arquiteto é ornada de vários saberes e muitas disciplinas”<sup>2</sup>. Muito embora ancorasse o argumento numa apologia da razão prática – que a alta modernidade tratou de complicar –, Vitruvius enunciou e inseriu tais disciplinas num conjunto coerente de deveres formativos e cognitivos aos quais nos mantemos ligados. Isto é, parafraseando e tencionando o romano, sabe-se que o arquiteto hoje deve buscar e construir-se em uma quase infinidade de perspectivas, prestando inclusive atenção a chamados que não têm relação evidente de utilidade com a prática projetual, mas se revelam capazes de lhe garantir a decantação de uma consciência armada, aberta e alerta, permitindo-lhe interpretar forças enigmáticas e intrigantes tanto da natureza quanto da cultura. São saberes que permitem honrar o conselho vivo de Drummond aos jovens, num momento em que o mundo parecia debruçado sobre o abismo da tecnologia embestada: “Inventem olhos novos ou novas maneiras de olhar para merecerem o espetáculo novo de que estão participando”<sup>3</sup>. Como inventar esses olhos sem a franca disposição de reconhecer as limitações do estudo disciplinar ou departamentalizado?

---

2. Vitruvius (c. I a.C.). *Tratado de arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 61.

3. Drummond de Andrade, Carlos (1944). “Prefácio para Confissões de Minas”. in: *Obra completa em um volume*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1964, p. 506.

São questões desse tipo que esta iniciativa editorial procura enfrentar ou, no mínimo, tangenciar. As “outras palavras” às quais nos referimos são as múltiplas palavras que sempre tiveram espaço na Escola da Cidade, desde a sua fundação, preocupada que é essa escola com a sólida e ampla formação humanista de seus estudantes, professores e colaboradores. Noutras palavras, são também as outras “turas” de que fala Cortázar, na alta intensidade de seu fraseado dançante, no jogo tramado de seus cacós significativos:

A nossa verdade possível tem de ser invenção, ou seja, literatura, pintura, escultura, agricultura, piscicultura, todas as turas deste mundo. Os valores, turas, a santidade, uma tura, a sociedade, uma tura, o amor, pura tura, a beleza, tura das turas.<sup>4</sup>

Juntar essas pontas é uma utopia? Esperamos que “turas” e leituras multipliquem-se no tempo, nas mãos e no pensamento de nossos leitores. Por isso, trazemos a público esses livros, essas reflexões recolhidas.

José Guilherme Pereira Leite

Professor da Escola da Cidade

Coordenador do Seminário de Cultura e Realidade Contemporânea

---

4. Cortázar, Julio (1963). *O jogo da amarelinha*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999, p. 443.



## SUMÁRIO

- 10 Conciliação, regressão e cidade
- 41 Sobre o autor

# A PRAÇA LEVA PONTES APLICADAS NO CENTRO DE SEU CORPO E CRIANÇAS BRINCANDO NA TARDE DE ESTERCO

*A praça da república dos meus sonhos,*  
Roberto Piva

foto/página anterior: BAU / Manuela Raitelli  
Seminário de Cultura e Realidade, março de 2015.

O exercício da crítica, de uma perspectiva psicanalítica, se dá pelo trabalho com um conflito em que nem todas as forças presentes são conscientes da sua própria natureza. A psicanálise descobriu e fundou, através de sua clínica, uma modalidade de sujeito aberto, alienado de si mesmo de um modo especial, um sujeito que, para completar uma certa dimensão de si, necessita observar-se cuidadosamente através de um outro.

Desde já podemos enunciar um ponto que a psicanálise contemporânea talvez conheça um pouco melhor do que a psicanálise das origens: a conhecida resistência universal à psicanálise é de fato a resistência em ver-se através da relação com um outro. Esta relação, quando se dá – o que infelizmente é raro –, acaba por revelar duas dimensões estrangeiras do sujeito: o que ele não reconhece em si mesmo, mas que lhe pertence de pleno direito, e de que modo ele insiste em não reconhecer inteiramente a si mesmo, o que é igualmente importante. A partir deste passo, permite-se também que se viva aquilo que nunca foi vivido, o que é a maior contribuição que a psicanálise pode dar a alguém.

A psicanálise funciona, então, como uma concreta experiência de dialética, encarnada em uma relação, em que o momento inconsciente turbulento de cada um de nós é reconhecido, na medida do possível.

Deslocada para o campo da cultura, esta tensão real conhecida da psicanálise, entre o que se pensa e o que



foto/página anterior: BAU / Manuela Raitelli  
Seminário de Cultura e Realidade, março de 2015.

se recusa, entre o que se diz e o que não se quer saber, entre aquilo que pode ser sabido e o que necessita ser negado de muitos modos, tão própria da clínica em trabalho, se aproxima francamente do trabalho de historicizar o campo de forças travado, tendente à repetição, que é próprio da ideologia: os discursos correntes e interessados, favoráveis a uma posição de poder, que não devem reconhecer os seus limites de racionalidade e universalidade. Discursos particulares, que ocupam o termo do direito comum, universal.

Assim, psicanálise e crítica podem se deter, por exemplo, sobre constantes ideológicas mais profundas, de estruturas de poder não desejáveis nem democráticas existentes em uma cultura, de longa duração. Por exemplo, para pegarmos um ponto de trabalho atual, estruturas de poder presentes no tradicional e típico processo brasileiro de conciliação política.

Como sabemos, a conciliação conservadora brasileira, modo de dar poder e legitimar o senhor de ontem – o velhote inimigo que morreu ontem, já dizia o artista há tantos anos –, de mantê-lo no controle do processo da evolução política que de algum modo o ultrapassa, marcou profundamente a redemocratização brasileira no pós 1984, e coincidiu com o nosso modo de reprodução do capital periférico, articulado ao capital central, de pouca produtividade tecnológica e científica local – dimensão que exige sociedade civil complexa e vida algo

autônoma – e, ainda, de pouca exigência de integração reparadora da catástrofe da origem do espaço social brasileiro, o que implica um reconhecimento do outro que costuma ser ausente para um certo campo social no Brasil. A conciliação existente entre nós é, de fato, uma modalidade socialmente aceitável do conservadorismo, um modo de todos se sentarem à mesa da reprodução de um Brasil que só sabe se constituir excluindo o vetor da crítica, e da autocrítica.

No Brasil, talvez, conciliação seja o nome político principal da modernização conservadora geral. No tempo histórico que habitamos, o presidencialismo de coalisão foi a sua forma final e real, constituída na política oficial nos últimos 25 anos. É importante lembrar que o modelo petista de aliar-se a forças conservadoras para governar – forças de interesse instrumental e de busca de enriquecimento direto através da política, o que acabou, como uma grande crise de corrupção, em um processo amplo e complexo, por estabelecer um primeiro fim do PT – foi originalmente inaugurado e inventado pelo PSDB de Fernando Henrique Cardoso, na construção de sua própria chegada ao poder em 1992 – plano real, de ideologia econômica universal, e aliança política local forte com o PFL, antigo PDS, antiga Arena, (hoje DEM...) precisamente o famigerado Partido arcaico e autoritário de sustentação da ditadura militar de 1964-1984. Basta lembrarmos, entre tantos dados semelhantes,



Este trabalho foi apresentado no Seminário Internacional Cidades Rebeldes, realizado pela Boitempo Editorial e o Sesc, ocorrido no Sesc Pinheiros em junho de 2015.

autor TALES AB' SÁBER  
texto de apresentação JOSÉ GUILHERME PEREIRA LEITE  
revisão FELIPE CAMPOS  
projeto gráfico TRÊS DESIGN  
diagramação EDITORA ESCOLA DA CIDADE  
desenhos ALEXANDRE BENOIT  
agradecimentos FERNANDA BARBARA, MANUELA  
RAITELLI-BAÚ/ESCOLA DA CIDADE, ALEXANDRE  
BENOIT, MARINA RAGO E DIRO BLASCO.

COLEÇÃO OUTRAS PALAVRAS  
coordenação JOSÉ GUILHERME PEREIRA LEITE E  
FABIO VALENTIM

EDITORA DA CIDADE  
ANDERSON FREITAS, FABIO VALENTIM, MARINA RAGO  
MOREIRA, THAIS ALBUQUERQUE, ALEXANDRE  
BASSANI E RICARDO KALIL.  
editoradacidade@escoladacidade.edu.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação - CIP

AB'SABER, Tales.  
Conciliação, regresso e cidade / Tales Ab'Saber;  
Coordenadores José Paulo Gouvêa, Fábio Valentim,  
Anderson Freitas. – São Paulo: ECidade, 2015.  
42 p.; 18 cm. – (Outras palavras; v.3).

ISBN: 978-85-64558-16-8

1. Urbanismo. 2. Elevado Costa e Silva. 3. Ditadura Militar.

I. Título.  
II. Série.

CDD 711.4

Catalogação elaborada por Edina R. F. Assis.

associação escola da cidade  
presidente ÁLVARO LUÍS PUNTON  
1 °presidente adjunta FERNANDO FELIPPE VIÉGAS  
2 °presidente adjunta MARTA MOREIRA

ASSOCIAÇÃO ESCOLA DA CIDADE  
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO  
Rua General Jardim, 65 - Vila Buarque  
01223-011 São Paulo SP  
T +55 11 3258 8108  
escoladacidade@escoladacidade.edu.br



TALES AB'SÁBER

O minhocão, ou o parque D. Pedro, ou a cidade abandonada do Brás, ou do centro, bem como as periferias autoconstruídas, não são cenários para nos embriagarmos com um presente que desconhece as ações de um passado fascista brasileiro recente, que se expressa ainda vivo, exatamente nestas obras. É preciso celebrar a verdadeira superação daquele passado, inscrito no corpo de nossa cidade como prática alienada profunda, mas simplesmente cotidiana. É preciso festejar e politizar, festejar e superar a conciliação perversa brasileira.

**editora**  

---

**escola  
da cidade**